

A RELAÇÃO COM O OUTRO: INTERTEXTUALIDADE, INTERDISCURSIVIDADE E A PRODUÇÃO DE SENTIDO NO TRAJETO DE MEMÓRIA

Sheilla Maria Resende¹

RESUMO: O texto enquanto produto de ações discursivas necessariamente traz o Outro em sua concepção. Essa relação com o Outro pode estar materializada na superfície textual ou se fazer presente no embate dos sentidos advindos dessa superfície. Por sua natureza, essa relação pode ser categorizada, respectivamente, como intertextualidade e interdiscursividade. Tendo como respaldo teórico, principalmente, as contribuições de Ingedore Koch (2012, 2015) para a discussão sobre intertexto, e de Michel Pêcheux (1995, 1999) para a discussão acerca do interdiscurso, textos de gêneros diversos são trazidos para uma análise que visa lançar luz sobre o processo de produção de sentido nas práticas de linguagem. Ao fim, é possível concluir que o efeito de sentido de um texto repousa, especialmente, no confronto entre os sentidos, isto é, a nível conceitual, não material.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade; interdiscursividade; memória discursiva.

ABSTRACT: The text as the product of discursive actions necessarily brings the Other into its conception. This relation to the Other can be materialized in the surface text or be present in the conflict of the meanings coming out from that surface. By its nature, this relation can be categorized, respectively, as intertextuality and interdiscursivity. Based on the contributions of Ingedore Koch (2012, 2015) to the discussion on intertext, and on those of Michel Pêcheux (1995, 1999) to the discussion on interdiscourse, texts of different genres are brought to an analysis aimed at shedding light on the process of meaning production in language practices. At the end, it is possible to conclude that the sense of a text rests, especially, in the confrontation among meanings; that is to say, at the conceptual, not material level.

KEYWORDS: Intertextuality; interdiscursivity; discursive memory.

Introdução

Ao tratar o texto como produto de uma ação discursiva (KOCH, 2015), é pertinente pensar que ele necessariamente traz o Outro em sua concepção. Os efeitos de sentido advindos de um texto, afinal, não são produzidos na língua enquanto sistema abstrato, mas sim nas práticas de significação.

A relação com o Outro pode estar materializada no texto, de maneira mais ou menos evidente, ou estar abstraída dele em sua realidade material, mas presente em seu sentido. Basta um olhar menos naturalizado² para os processos de significação para que o Outro, muitas vezes presente unicamente no (embate do) sentido, se torne visível.

¹Mestranda no Programa de Pós Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem- IEL, Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP, sheillamresende@yahoo.com.br, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES.

² Percebo a naturalização como sendo um fenômeno decorrente do efeito de evidência, de universalização, de linearidade do sentido, intimamente relacionado aos processos de (des)legitimação.

À luz dessa concepção discursiva de texto, sempre em relação ao Outro, me proponho, neste trabalho, a apresentar e discutir a natureza dessa relação: manifestação evidente e material do Outro - a intertextualidade- ou percepção do Outro pelo (embate do) sentido, pela ordem do que é conceitual -o interdiscurso.

Trazendo para esta discussão textos de naturezas diversas, acredito que, para além da observação de que os textos que circulam socialmente se relacionam uns com o(s) outro(s), podemos perceber que é interessante saber quem é esse Outro, conhecer o lugar de onde ele significa, e compreender o modo como o sentido é produzido no trajeto de memória.

O texto como produto de uma ação discursiva

Buscando dar conta da discussão a que me proponho neste trabalho, qual seja, apresentar os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade, e elucidar seus modos de funcionamento, creio que não seja interessante trabalhar, nesta oportunidade, com o texto como frase completa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema da língua, concepção que aponta para uma visão da língua como sistema, como abstração; nem com o texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas, sob um viés de base semântica (KOCH, 2015).

Para fazer ver as relações com o Outro, lido, a partir de agora, com a concepção de texto como produto de uma ação discursiva (KOCH, *idem*), pois o sentido não é concebido na língua enquanto abstração, mas sim nas práticas de significação, situadas em determinado tempo histórico, junto a determinada sociedade.

Assim sendo, será texto toda materialização particular de uma atividade discursiva, da qual pode ser apreendido um sentido, cujo trajeto e modo de concepção passam necessariamente por determinações históricas, e que traz à tona, seja em sua constituição mesma, seja em sua superfície, a presença do Outro.

A relação materializada com o Outro: a intertextualidade

Partindo do pressuposto de que todo texto necessariamente se relaciona com outro(s) texto(s), construindo-se a partir dele(s), retomando-o(s) para concordar com eles ou para refutá-los, ou, ainda, para reformulá-los, Koch *et al* (2012) propõem uma sistematização dessa relação material com o Outro.

Para as autoras, a intertextualidade pode se dar ao nível do tema ou do estilo, da menção explícita ao texto com o qual se relaciona, ou da não menção ao texto trazido para o embate. A relação com outros textos também pode se dar, ainda de acordo com as autoras, pela retomada de gênero ou tipos textuais.

Seja qual for a forma como um texto se relaciona com outros, a ideia de intertextualidade, tal como vem sendo trabalhada pelos estudos em Linguística Textual, dá a essa relação um estatuto material, palpável. Segundo essa concepção, a presença do Outro pode ser constatada na materialidade do texto.

Essa condição palpável que caracteriza as relações intertextuais pode ser observada no texto abaixo, poema modernista de Oswald de Andrade.

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

O poema “Canto de regresso à pátria” dialoga explicitamente com o poema romântico de Gonçalves Dias, “Canção do exílio”, transcrito abaixo. A discussão dessa retomada não será feita sob um viés teórico literário, vale dizer, por ora, que a Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, é trazida para o diálogo para ser contraposta.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho, à noite
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Assim sendo, para contrapor o ponto de vista explicitado na “Canção do exílio”, o autor do “Canto de regresso à pátria” lança mão do mesmo gênero literário, da mesma estrutura, tema e estilo para fazer ver sua argumentação, diversa da do texto original.

O efeito de sentido de crítica ao texto trazido para o diálogo decorre especialmente de substituições lexicais, representadas pela troca de “canção” por “canto”, “exílio” por “regresso”, “palmeiras” por “palmares”, de “cantam” por “gorjeiam” e vice-versa, de “aves” por “passarinhos”, de “nosso” -e variações de gênero e número- por “minha”, dentre outras ocorrências.

Esses nomes e verbos não significam somente pelo valor semântico particular de cada item lexical substituído, mas pela relação de sentido entre os termos envolvidos na substituição, a partir de uma trajetória histórica, de memória, que permite que nós, brasileiros, percebamos o tom da crítica, que se dá por meio do efeito de identificação- e não identificação- com o olhar nacionalista idealizado para a pátria, evidenciado no texto de Gonçalves Dias, ou com o olhar crítico para a realidade histórica do país, explicitado no texto de Oswald de Andrade.

A partir do exemplo discutido acima, podemos perceber que a presença do Outro está necessariamente materializada no poema “Canção de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade. A “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, foi literalmente trazida para o embate, e

se faz presente pelo gênero, pelo tema, pelos componentes lexicais, e pela estrutura composicional no texto de Oswald.

O efeito de sentido advindo do poema, de rompimento, crítica e subversão em relação à proposta ufanista de Gonçalves Dias, contudo, não é produzido somente a partir da identificação do outro texto com o qual se relaciona, mas também a partir da posição desse Outro, do confronto entre os lugares subjacentes à significação, do lugar a partir do qual os sujeitos, de ambos os textos, significam.

Assim, subjaz à significação, em toda relação intertextual, também uma relação que se dá no campo do conceito, da não materialidade, na esfera do confronto, da contradição: no interdiscurso. Assunto que discuto a seguir.

O Outro marcado no embate dos sentidos: o interdiscurso

Quando significamos, conforme aponta Pêcheux (1999), nós o fazemos necessariamente a partir de uma posição, ou seja, a partir de uma relação que não trará todos os sentidos possíveis. Enquanto sujeitos constituídos no e pelo discurso, construídos na esfera simbólica, somos interpelados pela língua. O esquecimento –inevitável- que praticamos em nossa constituição como sujeitos do discurso, em nossas práticas de significação, acaba por marcar a nossa posição-sujeito.

Essa posição-sujeito, por sua vez, embora não venha materializada no texto, pode ser capturada no embate dos sentidos, a partir da percepção dos efeitos parafrásticos de sentido que emergem de textos diversos colocados em série, e que, postos em relação, apontam para lugares de significação, para o interdiscurso.

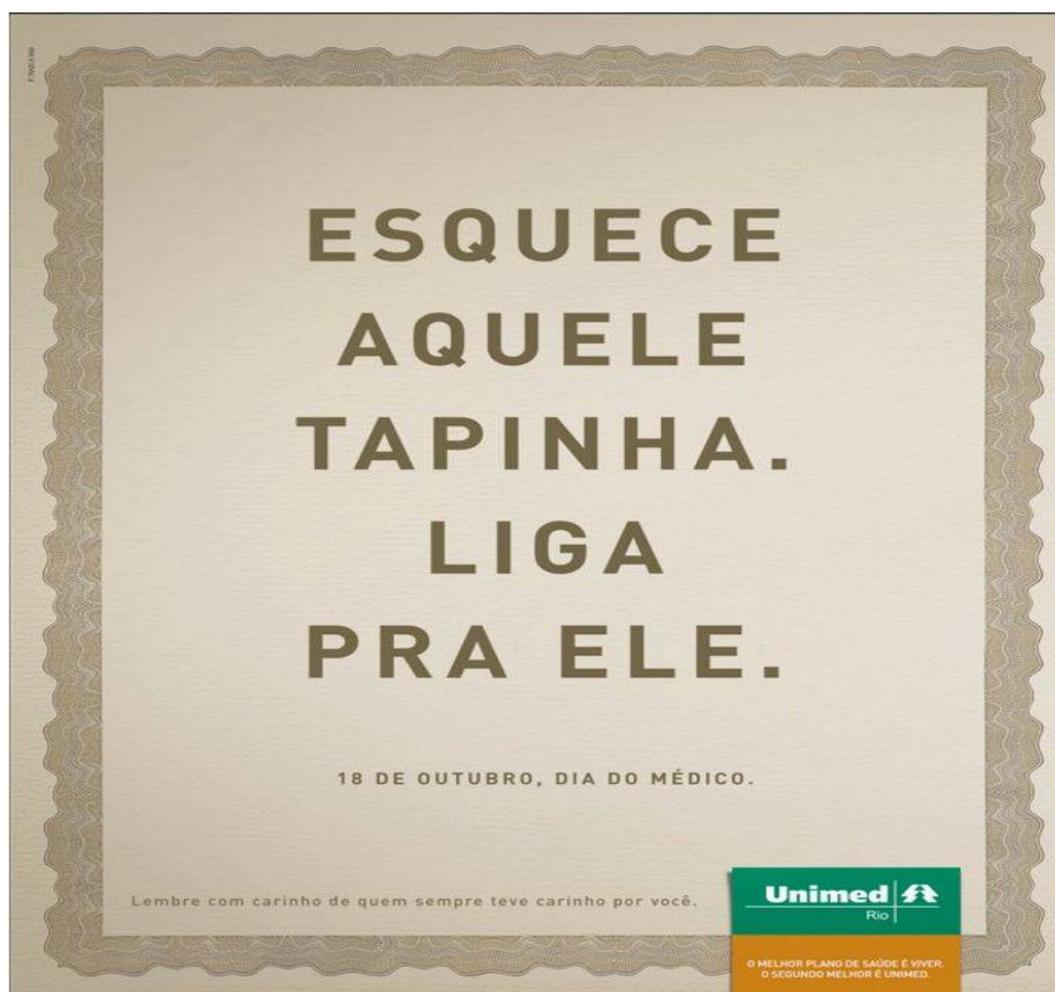
O interdiscurso é da ordem fenomenológica, dos efeitos de sentido, não é, portanto, diretamente observável. Ele se constitui na esfera das desigualdades, das contradições, da heterogeneidade. Trata-se do efeito de sentido que, para ser concebido, traz o Outro em sua constituição mesma, e se faz sentir justamente pela presença desse Outro, por meio do embate dos sentidos.

A relação entre a materialidade do texto com o interdiscurso é o que, segundo Orlandi (2008, p. 47), “remete o dizer do sujeito ao Outro constitutivo (o interdiscurso: a memória do sentido, o repetível): falamos com palavras que já têm sentido.” Somos, pois, enquanto sujeitos do discurso, tributários da língua, já que o efeito de sentido de um texto não depende da vontade individual do sujeito, mas se inscreve no percurso de sentidos dos dizeres, na memória discursiva.

Podemos dizer, portanto, que em toda relação intertextual, na qual o Outro está materializado, há também uma relação constitutiva, não diretamente observável com esse Outro, conforme explicitado no poema “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade, no qual, além de constatarmos a presença materializada da “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, podemos perceber o embate entre um olhar ufanista e linear do país e um olhar crítico e subversivo para ele. É dessa relação que emerge o efeito de sentido proporcionado pelo poema.

O percurso do sentido no trajeto de memória: uma análise do Outro marcado a nível constitutivo, não material

O texto abaixo, campanha publicitária da Unimed em homenagem ao dia do médico, gerou polêmica pelo efeito de sentido proporcionado, que remete à tolerância em relação à violência contra a mulher.



Analisando o texto em sua materialidade linguística, não conseguimos encontrar nenhuma pista sintática ou semântica que remeta à violência contra a mulher. Há injunções materializadas pelas formas verbais “esquece” e “liga”, um pronome demonstrativo, “aquele”, que provoca um efeito de distanciamento temporal em relação à forma nominal no diminutivo, com a qual ele se relaciona, “tapinha”. Há, ainda, um pronome pessoal com gênero fortemente marcado, “ele”.

Em termos linguísticos, há um efeito de indeterminação proporcionado pelas formas “aquele tapinha” e “ele”, o qual permite todo o jogo de memória subjacente à produção polêmica de sentido.

O pronome pessoal feminino “ela” fazendo o contraponto com “ele” não está marcado linguisticamente, está presente na memória interdiscursiva. Nesse lugar de conflito e de contradições, o percurso histórico do sentido das palavras “tapinha” e “ele” postas em um mesmo enunciado, ou seja, em inter-relação, constitui o pré-construído que coloca o princípio de legível desse texto: a violência do homem contra a mulher. Emerge, assim, dessa memória, o “ela”.

Nesse percurso dos sentidos, a forma diminutiva “tapinha” significa parafrasticamente como uma banalização ou naturalização da agressão, significação corroborada pelas injunções presentes no texto: o “tapinha”, natural, banal, corriqueiro, deve ser “esquecido”, e “ela” deve perdooá-lo e “ligar” pra ele.

A relação parafrástica desse dizer com outros dizeres como, por exemplo, “é mulher, mas dirige bem”, ou “lugar de mulher é na cozinha”, converge em um mesmo ponto de interpretação, que remete à posição-sujeito machista no interdiscurso. O que gerou a polêmica em relação ao texto.

Como vimos, a relação com o Outro não está materializada na superfície textual, ela não é diretamente observável, mas é constitutiva, e subjaz toda a produção de sentido. A significação, conforme mostrado nesse exemplo, passa necessariamente por um trajeto de memória, afinal, a construção dos sentidos não se dá a nível da vontade individual de quem enuncia, é, sim, determinada historicamente. Esse é o tributo pago à língua, que assujeita a nós, seres do discurso.

A posição-sujeito e a significação: uma análise do discurso de Nicolas Sarkozy em Dakar

Em 2007, o então presidente da França Nicolas Sarkozy proferiu um discurso na Universidade Cheikh Anta Diop, em Dakar, cujo tema foi a colonização europeia, particularmente a francesa, na África.

Transcrevo, abaixo, um trecho do discurso de Sarkozy, buscando analisar, em seguida, a maneira como se dá sua produção de sentido. Poderemos notar que não há, neste texto, outros textos materializados que explicitem o lugar do colonizador. Esse lugar é, pois, evidenciado pelo percurso dos sentidos no trajeto da memória (inter)discursiva.

[...]

Le drame de l'Afrique, c'est que l'homme africain n'est pas assez entre dans l'histoire.

Le paysan africain, qui depuis des millénaires, vit avec les saisons, dont l'idéal de vie est d'être en harmonie avec la nature, ne connaît que l'éternel recommencement du temps rythmé par la répétition sans fin des mêmes gestes et des mêmes paroles.

Dans cet imaginaire où tout recommence toujours, il n'y a de place ni pour l'aventure humaine, ni pour l'idée de progrès.

Dans cet univers où la nature commande tout, l'homme échappe à l'angoisse de l'histoire qui tenaille l'homme moderne mais l'homme reste immobile au milieu d'un ordre immuable ou tout semble être écrit d'avance.

Jamais l'homme ne s'élançe vers l'avenir.

Jamais il ne lui vient à l'idée de sortir de la répétition pour s'inventer un destin.³

[...]

O discurso, sustentado por um fio de sentido que contrapõe “Europa”, “França”, “razão”, “civilização” a “África”, “natureza”, “barbárie”, “primitivismo”, gerou polêmica por sua determinação ideológica, que aponta para o lugar de significação do colonizador.

Em um primeiro momento, da colocação do tópico, é utilizado o sintagma nominal “o drama da África”. Nesse sintagma, o artigo “o” não somente determina a existência de um “problema⁴” em relação à África, que será predicado depois, mas também pressupõe a existência desse “problema”, que é interpretado como “drama” por esse sujeito do discurso.

No fragmento “O homem africano não entrou suficientemente na história”, há uso de voz ativa para atribuir a ação à vontade do sujeito que –supostamente- a pratica. Assim, o

³ “O drama da África é que o homem africano não entrou suficientemente na história. O camponês africano, o qual, durante milênios, vive com as estações, cujo ideal de vida é estar em harmonia com a natureza, conhece nada mais que o eterno recomeço do tempo, ritmado pela repetição sem fim dos mesmos gestos e das mesmas palavras. Nesse imaginário, onde tudo recomeça sempre, não há lugar para a aventura humana ou para a ideia de progresso. Nesse universo, onde a natureza comanda tudo, o homem escapa à angústia que atormenta o homem moderno, permanecendo imóvel em meio a uma ordem imutável em que tudo parece ter sido escrito de antemão. Esse homem nunca se lança ao futuro. Jamais ocorreu a ele sair da repetição para se inventar um destino.

⁴ Coloco o nome “problema” entre aspas porque também se trata de uma construção interpretativa. Da maneira como o coloca Ducrot (1979), lidamos com objetos de discurso, não com objetos de mundo.

efeito produzido é de que o homem africano não entrou—suficientemente—na história porque não quis, ou porque não pôde, já que está “preso à natureza”.

Está posto o olhar do sujeito do discurso sobre a questão da colonização europeia na África e sobre o dito “não progresso” das ex-colônias francesas no continente africano: trata-se de um “drama”, causado pelo próprio homem africano, que não soube ou não quis ou não pode se desprender da natureza e se lançar à civilização, às luzes, à modernidade.

É pertinente observar o efeito de universalização proporcionado pelo uso da expressão referencial “o homem africano⁵”, sobre a qual repousa a retomada do estereótipo africano: homem africano= camponês africano= homem ligado à natureza= homem primitivo= homem bárbaro.

Para explicitar o que é categorizado como “drama da África”, o locutor constrói campos semânticos distintos, que argumentativamente soam como opostos, em um lugar de significação em que a existência de um anula ou impossibilita a existência do outro. De um lado, há o campo ao qual subjaz a natureza. Nesse campo, itens lexicais como “recomeço”, “repetição”, “mesmo”, “imobilidade” remetem a “ciclo”, “círculo”, algo sem começo ou fim passíveis de serem determinados. Do outro lado, há o campo que significa no contraponto àquele mostrado anteriormente. Esse é o campo da “aventura”, do “progresso”, do “homem moderno”. Temos, portanto, a caminhada em círculo, empreendida pelo homem africano, cujo início e fim não podem ser apontados, já que se dá de forma circular, e a caminhada avante, empreendida pelo homem europeu, que é capaz de “se lançar ao futuro”, ou de “se inventar um destino”.

Convém observar que há, ainda, entre as orações relativas explicativas “onde tudo recomeça sempre” e “onde a natureza comanda tudo” e suas respectivas orações principais uma relação de causalidade implícita. A partir dessa relação, o efeito de sentido que emerge é o de causa e efeito. Não há lugar para a aventura humana nem para a ideia de progresso na África, porque lá impera um imaginário onde tudo recomeça sempre. Não há progresso possível para uma mentalidade que não rompe com a tendência cíclica “natural” do ser humano.

Esse universo africano, por ser comandado pela natureza, escapa à história dos homens que se “lançam ao futuro” buscando o “progresso”. Afinal, trata-se de um viver em círculos. É

⁵ Buscando a desnaturalização do sentido produzido a partir da expressão “o homem africano”, vale levantar os questionamentos: “que homem é esse?”, “de que lugar/país da África?”.

preciso, então, que o homem se lance à aventura para romper com essa ordem natural e gozar o progresso.

As relativas explicativas, caso sejam retiradas, em nada influenciarão o sentido da proposição, já que, conforme pontua Pêcheux (1995, p. 110):

a proposição explicativa intervém como suporte de pensamento contido em uma outra proposição, e isso por meio de uma relação de *implicação* entre duas propriedades [...]. Daremos a essa relação o nome *efeito de sustentação* [...]. O fato de que a supressão da explicativa não destrói em nada o sentido da proposição de base marca claramente seu caráter *incidente*: pode-se dizer que ela constitui a *evocação lateral* daquilo que se sabe a partir de outro lugar e que serve para pensar o objeto da proposição de base.

Dizendo de outro modo, o que sustenta essa relação de causa e efeito entre as relativas e suas principais está no campo da memória discursiva, do já sabido. No trajeto de memória da África⁶, o sentido mesmo de sua existência é aquele junto à natureza, “África é natureza”, e natureza é vida, e a vida é cíclica: é nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer. Por essa razão, a relação de causalidade está dada, implicitamente, no campo do pré-construído.

Materialidades discursivas como “Na África há somente selvas”, “Ir à África só se for para um safari”, “África é lugar de gente primitiva”, dentre outras formulações em maior ou menor grau recorrentes, significam parafrasticamente de maneira a apontar para um lugar nesse trajeto de memória, no interdiscurso. Um lugar em que a natureza significa atraso, entrave para o progresso: o lugar do colonizador.

No fragmento apresentado, o efeito de sentido proporcionado é o de que a culpa pelo “atraso” da África em relação ao “progresso” humano não passa pela forma como as ex-colônias francesas no continente africano foram administradas e pelo que se buscou obter delas, pelos franceses, durante o período de colonização. De acordo com o discurso do ex-presidente francês Nicolas Sarkozy essa “culpa” deve ser atribuída ao próprio homem africano, incapaz de romper o ciclo natural, a que está “destinado”.

Esse “homem” funciona, no discurso do ex presidente, como representação metonímica do continente africano como um todo, cujas diferenças internas foram apagadas, para instaurar, no lugar, um efeito de homogeneização e linearidade. Há, pois, que se apaziguar os conflitos a nível discursivo. Dessa forma somos interpelados em sujeitos pela ideologia (PÊCHEUX, 1995). Dessa forma nos tornamos sujeito na história. Assim denunciamos o lugar de onde significamos.

⁶ Utilizo essa expressão de tom universalizante, “trajeto de memória da África”, porque é essa linearidade de sentido que o estereótipo de África como “selva”, “savana”, “natureza” corrobora.

A África, de acordo com as palavras de Sarkozy, não foi capaz de “entrar suficientemente na história”, uma vez que se mantém à mercê do ciclo da natureza, e a ele “reduz” o seu próprio ciclo de existência. O “não progresso” das ex-colônias francesas na África é, portanto, resultante da “não ação” de seu povo. Não houve obstáculos para a caminhada “avante”, o homem africano é quem não desejou empreendê-la, afinal, ele está sobremaneira pré-dito pelo seu “destino”.

Em suma: intertexto, interdiscurso, materialidade discursiva e o percurso da produção de sentido

Com o objetivo de (de)mo(n)strar as diferenças teóricas e analíticas entre as noções de intertexto e de interdiscurso, por vezes tomadas como correspondentes, textos de gêneros e domínios diferentes foram analisados neste trabalho.

Lançando mão da categoria teórica “intertexto” e de seus desdobramentos analíticos para a apreciação do par de poemas “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade, e “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, conseguimos perceber que a materialidade do primeiro texto nos remete a uma relação intertextual com o segundo, já que há uma “apropriação” da estrutura, do tema e do estilo do texto original, a Canção do exílio, para trazer à tona um contraponto do eu poético em relação ao conteúdo do texto-base.

Essa ruptura com o sentido do poema trazido para o embate faz com que o texto de Oswald configure-se como uma paródia da “Canção do exílio”, visto que fica evidente a mudança na direção argumentativa dos dois textos: o primeiro trata da pátria de forma linear e idealizada, enquanto o segundo mostra a heterogeneidade e os conflitos relacionados ao país.

A produção de sentido a partir do “Canto de regresso à pátria”, contudo, não se dá apenas pelo (re)conhecimento do texto-base com o qual ele dialoga, mas também, e especialmente, por meio da compreensão de que os poemas remetem a lugares distintos de significação, os quais não estão presentes na materialidade discursiva, sendo necessário que o analista os torne visíveis, capte-os: é preciso trazer à tona a memória discursiva, que constitui os dizeres.

A noção de intertexto, portanto, dá conta do diálogo materializado com o Outro, a nível da formulação: palpável, enquanto a noção de interdiscurso possibilita que sejam tornados visíveis os conflitos e a heterogeneidade dissimulados na materialidade discursiva e irremediavelmente constitutivos do dizer.

A memória discursiva subjaz a significação e, constitui, portanto, a formulação, ainda que não o faça de modo aparente. Sendo assim, no que tange à relação com o Outro, nem todos os textos apresentam materializado o diálogo travado com outros dizeres, em relação intertextual, mas todo o texto possui sua significação mesma constituída a partir da memória do dizer, do interdiscurso. É o que acontece em dois dos exemplos analisados neste trabalho. No texto publicitário, de responsabilidade da Unimed, e no discurso do ex-presidente francês Nicolas Sarkozy, a significação –polêmica- repousa na memória discursiva, não na materialidade textual.

No enunciado “Esquece aquele tapinha. Liga pra ele”, publicidade em comemoração ao dia do médico, assinada pela Unimed, a relação com o Outro não está materializada na superfície do texto: ela é constitutiva, e sofre determinação histórica na construção de sua significação. Trata-se, pois, de um enunciado significado a partir do lugar machista da produção de sentidos, o que ocasionou toda a polêmica relacionada à publicação do texto. Deste modo, a categoria “intertexto” não seria suficiente para lançar luz sobre o percurso do sentido relacionado ao texto publicitário, já que é preciso “captar”, pela memória do dizível, o lugar de significação do sujeito que coloca em uma mesma formulação os itens “esquece”, “tapinha” e “ele”.

O discurso de Sarkozy, por sua vez, permite um jogo polêmico de memória que acaba por apontar o lugar de significação do colonizador à medida em que traz em sua formulação todo um fio de sentido concebido a partir da contraposição entre os pares “Europa” e “África”, “avanço” e “primitivismo”, “civilização” e “natureza”, “lançar-se” e “permanecer”. Nesse texto, mais uma vez, o diálogo com o Outro não se encontra evidente, em relação intertextual, mas sim a nível constitutivo, concebido no trajeto de memória do discurso.

Podemos ponderar, portanto, que as categorias “intertexto” e “interdiscurso” remetem, ambas, à relação com o Outro. A distinção entre esses dois fenômenos se dá a partir da concepção de que aquele conceito traz o Outro materializado no discurso, a nível da formulação, e configura-se, portanto, como uma “relação entre textos”, trazendo, a partir dessa definição, a pressuposição da condição material da intertextualidade. Vale ressaltar, a esse respeito, que, surgido inicialmente a partir de uma grande aproximação com a noção de dialogismo, a noção de intertexto tem caminhado por si só, e recebe, em relação à sua condição essencialmente dialógica, esse estatuto material.

O interdiscurso, por sua vez, não é diretamente observável, e faz apontar para as contradições, os conflitos e a heterogeneidade presentes no nível da constituição dos dizeres.

Se o trabalho com a noção de intertexto sinaliza ganho metodológico, já que as análises a partir dessa categoria se dão a nível da materialidade discursiva, da formulação, o trabalho com o interdiscurso implica ganho na espessura metodológica, já que possibilita que seja lançada luz sobre o percurso da significação, sobre seus efeitos de sentido. Dizendo de outra maneira, o trabalho com o interdiscurso oportuniza vislumbrar os conflitos e as contradições imanentes à produção de sentido, e dissimuladas no eixo da formulação.

Considerações finais

Ao considerarmos os efeitos de sentido advindos de um texto, é necessário ter em vista como eles são produzidos nas práticas de significação. Dessa forma, torna-se relevante pensar como o texto, produto de uma ação discursiva, traz o Outro em sua concepção.

O Outro, por sua vez, pode estar materializado, palpável no texto, ou ser manifestação da ordem fenomenológica, não diretamente observável, o que corresponde, respectivamente, às noções de intertextualidade e interdiscurso.

Meu objetivo neste trabalho foi discutir a natureza dessa relação entre o texto e o Outro, para mostrar que, se por um lado, o intertexto diz da relação com o Outro, por outro, o interdiscurso permite ter acesso a quem é esse Outro, a qual seja o seu lugar de significação.

Analisei, para tanto, textos dos domínios literário, publicitário e político, a fim de evidenciar que a nossa relação com o Outro é, antes de tudo, constitutiva, ou seja, nós necessariamente significamos a partir do Outro. Sua evidência material no texto, contudo, nem sempre está presente, é trabalho do analista fazê-la emergir.

Dessa forma, chego à conclusão de que o efeito de sentido de um texto não repousa na relação que ele sustenta com o Outro materializado em sua superfície, mas no embate dos sentidos, a nível conceitual.

Esse nível conceitual é representado pelo eixo *y*, da constituição, estratificado, caracterizado pela heterogeneidade, regido pela contradição, é o lugar das relações desiguais de discurso: o interdiscurso. O eixo *x*, por sua vez, compreende o nível da formulação, material, linear, é o lugar de esquecimento das contradições. É, pois, pela posição do sujeito no interdiscurso (no eixo *y*), que ele produz determinada formulação, determinada sequência discursiva (no eixo *x*): é esse o lugar material da interpelação ideológica.

É a relação do texto com o lugar de significação que “remete o dizer do sujeito ao Outro constitutivo (o interdiscurso: a memória do sentido, do repetível): falamos com palavras que já têm sentido.” (ORLANDI, 2008, p. 47)

REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. *Pau Brasil: obras completas de Oswald de Andrade*. São Paulo: Editora Globo, 2003.

COURTINE, J.J. *Metamorfoses do discurso político. Derivas da fala pública*. São Carlos, Claraluz, 2006.

DIAS, G. *Gonçalves Dias: coleção melhores poemas*. São Paulo: Global, 2010.

DUCROT, O. *Princípios de semântica linguística (dizer e não dizer)*. São Paulo: Cultrix, 1979.

JEUNE AFRIQUE. France- Senegal: extraits du discours de Dakar prononcé par Nicolas Sarkozy em 2007. Disponível em: < <http://www.jeuneafrique.com/173901/politique/france-s-n-gal-extraits-du-discours-de-dakar-prononc-par-nicolas-sarkozy-en-2007/>>. Acesso em: 2 nov. 2016.

KOCH, I. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, I. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, E. P. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

**Artigo recebido em setembro de 2017.
Artigo aceito em novembro de 2017.**